

## APRESENTAÇÃO

### ESCRITA DE MULHERES: *PROSA EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E COMPARATISMOS*

A escrita de mulheres nos remete a uma tradição feminina, a um percurso literário escrito pelas mulheres, constituindo o que Macedo e Amaral chamam de tradição alternativa à cultura literária homológica e patriarcal, ou uma “escrita do avesso”.

Essa tradição literária feminina foi mapeada na literatura inglesa por Elaine Showalter que, na obra *A literature of their own*, descreve a dupla coerção enfrentada pelas romancistas vitorianas que tiveram de desenvolver estratégias pessoais e artísticas perante a crítica masculina. Por vezes, por exemplo, essas reações podiam ser expressas numa espécie de autodepreciação ou humildade, que lhes garantia o direito de escrever.

Assim, essas vozes femininas foram se colocando de formas diversas contra o apagamento ou o silenciamento que as ameaçavam. O cânone, impiedosamente masculino, passou a ser revisitado. Nas palavras de Adrienne Rich, a escrita de mulheres é uma re-visão, no sentido de olhar para trás, e isso é um ato de sobrevivência.

O volume 3 deste *Escrita de mulheres* é dedicado à prosa em línguas estrangeiras e comparatismos. Os 18 artigos aqui

selecionados nos trazem estudos sobre obras escritas em espanhol, francês e inglês, por autoras de diferentes épocas e lugares. Trata-se de um universo multifacetado que nos permite visualizar um caminho traçado pelas autoras desde o século XVIII até a contemporaneidade na expressão dos temas que lhe são cruciais.

Nesse passeio por terras estrangeiras, as pioneiras Charlotte Dacre (Inglaterra, século XVIII) e Georges Sand (França, século XIX) abrem o volume. Os artigos mostram que Charlotte Dacre vem quebrar a expectativa de uma literatura produzida por mulheres, ao trazer predadoras sexuais como personagens, enquanto George Sand abre seu caminho no campo literário com enfrentamentos e estratégias variadas.

Do século XIX, temos autoras representativas do período vitoriano inglês: Charlotte Bronte, como uma voz autoral que quebra convenções e questiona as relações de poder da sociedade e Juliana Horatia Ewing, que lança mão da obediência dissimulada como estratégia de sobrevivência para sua protagonista. Ainda no caminho da transgressão do século XIX, Kate Chopin, realista estadunidense, nos traz uma personagem feminina transgressora, em busca de sua emancipação.

A entrada no século XX dá destaque à Virginia Woolf, voz maior nos estudos de escrita de mulheres. Há três

artigos dedicados a ela: Woolf é aproximada de Frida Kahlo num estudo que mostra como convergem e se distanciam. Também é estudada com base na teoria semiolinguística no conto “Phyllis e Rosamond” e no fluxo da consciência em *Mrs. Dalloway*.

Na esteira das reflexões de Virginia Woolf sobre a necessidade de um teto todo seu para a escrita das mulheres, o tema do fazer literário está na obra de autoras do século XX aqui abordadas. Os artigos seguintes apontam questões cruciais da escrita de mulheres: autoficção e conto de formação em Katherine Mansfield (aqui aproximada de Clarice Lispector); o tema da mulher escritora e a reflexão sobre o fazer literário em Flannery O'Connor; a memória como resistência ao silenciamento ao qual as mulheres são submetidas em Silvina Ocampo; a escrita de cartas e diários como estratégia de resistência em Isabel Allende. Como vemos, o século XX expande para uma literatura de autoria feminina latino-americana.

As obras do século XXI aqui enfocadas abarcam a escrita de mulheres em várias intersecções. Temos aqui a preocupação com o descentramento, com as opressões simultaneamente interligadas, e um sujeito de múltiplas vozes que se coloca. A obra de Faiza Guene, filha de pais marroquinos

e que vive na França, é analisada sob a perspectiva dos modelos identitários, numa reflexão sobre a posição da mulher na intersecção com a imigração. Na sequência, vem o revisionismo crítico na obra de Margaret Atwood, a questão da maternidade e da fronteira em Ana Castillo, o silenciamento na obra de Samanta Schweblin, a diversidade latino-americana em Josefina Plá e Ángeles Mastretta e as múltiplas vozes e revisões em Jodi Picoult.

Por fim, o volume apresenta duas resenhas e uma entrevista com a escritora Susana Ventura, sobre sua pesquisa e traduções de contos de fadas de autoras esquecidas. Boa leitura!

Cleide Antonia Rapucci (UNESP-Assis)  
Flavio García (UERJ-Maracanã)  
Shirley Carreira (UERJ-São Gonçalo)